Recebido em: 27/02/2009 Emitido parece em: 17/03/2009 Artigo original

FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DOS 100 METROS RASOS: TEORIA E PRÁTICA

Guy Ginciene[1], Sara Quenzer Matthiesen[1].

RESUMO

O atletismo é um dos esportes mais tradicionais da Educação Física, com uma história repleta de curiosidades e mudanças. Apesar disso, esse conhecimento não se encontra registrado em muitos livros da área. Assim, com o objetivo de resgatar a história de algumas provas do atletismo para podermos ensiná-las em aulas de Educação Física Escolar, essa pesquisa concentrou-se na prova dos 100 metros rasos. Com base no resgate da história dessa prova e na aplicação de atividades voltadas ao seu ensino em aulas de Educação Física, nos certificamos dos benefícios de se ensinar o atletismo a partir dessa perspectiva de ensino. Por meio da aula de aplicação observamos, por exemplo, a possibilidade de se vivenciar a evolução da prova, ao mesmo tempo em que se pratica as corridas. Esperamos que os resultados dessa pesquisa possam contribuir com outros profissionais da área interessados no ensino da história dos 100 metros em aulas de Educação Física.

Palavras chave: 100 metros rasos; atletismo; Educação Física Escolar.

ABSTRACT

The Athletics is one of the most traditional sports in Physical Education, with a history full of curiosities and changes. Nevertheless, this knowledge isn't registrated in many books of this area. Thus, the objective of rescuing the history of some athleticism proofs in order to teach them Physical Education School, this research is concentrated on the proof of 100 meters shallow.Based on rescuing the History of this proof in the implementation of activities related to their teaching in Physical Education classes, we assure the benefits of teaching the Athletics from this teaching perspective. Through the implementation of lesson observed, for example, we could notice the evolution of evidence while they are practicing the races. We hope that the results of this research can contribute with other professionals in the area interested in the 100 meters history in the Physical Education classes.

Key words: 100 meters shallow, athletics, Physical Education School.

INTRODUÇÃO

O atletismo é considerado como uma das modalidades esportivas mais tradicionais do mundo esportivo, já que desde os Jogos Olímpicos da Antiguidade era praticado pelos gregos. Exemplo disso é o *stádion*, isto é, uma corrida de velocidade disputada em linha reta por uma distância de 192,27 metros.

Mesmo sendo tão antiga e importante para a área da Educação Física, poucos parecem se preocupar com seu passado, já que a dificuldade de se encontrar informações sobre a sua história é muito grande (MATTHIESEN, 2007).

De maneira geral, é possível dizer que os livros nessa área concentram-se em orientações normativas e técnicas, muitas vezes voltadas apenas ao treinamento dessa modalidade esportiva. Somando-se a isso as dificuldades com o espaço físico e materiais específicos, pode ser um dos motivos para que esse, que é um esporte clássico no campo da Educação Física, seja ainda tão pouco trabalhado por seus profissionais, conforme identificou Silva (2006).

Também não é difícil observar que muitas vezes aqueles que se dedicam a ensiná-lo no campo escolar quase sempre pela carência de bibliografia voltada ao seu ensino, entre outras coisas que poderiam ser apontadas, dedicam-se a ensiná-lo priorizando-se o ensino dos procedimentos, quase sempre voltados a exercícios técnicos específicos de cada uma de suas provas (PRADO e MATTHIESEN, 2007).

Diante disso, o GEPPA (Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo), com base no Projeto do Núcleo de Ensino "Atletismo se aprende na escola", iniciado em 2003, tomou um novo rumo no ano de 2006 com o objetivo de resgatar a história de algumas provas do atletismo, para que depois, pudéssemos criar atividades práticas para ensiná-las em aulas de Educação Física na escola.

Uma das provas escolhidas foi os 100 metros rasos existente, nesse formato, desde os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna. Antes disso, uma das corridas de velocidade mais disputadas nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga era, como vimos, o *stádion*, de acordo com as especificidades apontadas anteriormente.

Embora as distâncias entre essas duas provas fossem distintas, alguns aspectos as deixam parecidas como, por exemplo: ambas eram disputadas em linha reta e eram – e ainda são - as corridas mais velozes do atletismo.

Com tanto tempo de história, muitas mudanças aconteceram e foi justamente essa evolução que procuramos resgatar por meio dessa pesquisa. Num primeiro momento, nos concentramos no levantamento histórico dessa prova, sendo que, num segundo momento, nosso objetivo foi elaborar e aplicar uma aula prática capaz de ensinar, aos alunos, parte da história dessa corrida de velocidade.

METODOLOGIA

Com tanto tempo de existência muitas mudanças ocorreram nas corridas de velocidade. Por exemplo, na Grécia Antiga a prova masculina mais curta e rápida era de 192,27 metros, hoje são os 100 metros rasos que têm essas características; hoje as mulheres também disputam a mesma distância que os homens e, muitas vezes, na mesma competição, fato que não ocorria antigamente. Esses são apenas dois pequenos exemplos das diversas modificações que ocorreram durante toda a história dessa prova e é exatamente essa evolução que esta pesquisa procurou resgatar.

Para tanto foi realizada uma vasta pesquisa bibliográfica no acervo das bibliotecas públicas (USP, UNESP e UNICAMP) e em sites da Internet que dispunham de informações acerca da história do atletismo, de atletas de renome, entre outras coisas.

Depois desse resgate histórico, o objetivo se concentrou na criação de atividades para o ensino da história dos 100 metros rasos para alunos da 8ª série do Ensino Fundamental, por meio de uma aula prática, na qual os alunos pudessem vivenciar a evolução histórica da prova. A aula dupla de Educação Física ocorreu com a participação de 35 alunos da E.E. Odilon Corrêa, da cidade de Rio Claro.

RESULTADOS

A aula dos 100 metros rasos foi realizada com o objetivo de fazer com que os alunos vivenciassem a evolução dessa corrida de velocidade, por meio da solução de problemas.

A aula teve início com um aquecimento. Nele, os alunos deveriam correr nas linhas demarcatórias da quadra. Contudo, quando um menino se encontrasse com uma menina, o primeiro deveria passar por baixo da perna da segunda. Se o encontro acontecesse entre menino e menino ou menina e menina, o mais alto deveria passar por baixo. Depois desse exercício foram realizados alguns alongamentos visando os membros inferiores.

No segundo exercício da aula foi realizado uma corrida de educativos. Os alunos foram divididos em 3 grupos, sendo que cada grupo deveria ficar em uma coluna, distantes 4 metros de um cone. O primeiro aluno de cada coluna deveria ir até o cone executando um educativo e voltar executando um outro diferente o mais rápido possível até chegar ao próximo companheiro da coluna, que deveria fazer o mesmo até que todos realizassem o exercício. A equipe que terminasse primeiro era considerada vencedora.

O terceiro e principal exercício da aula foi realizado da seguinte forma: os alunos continuaram divididos em 3 grupos, sendo que cada um foi supervisionado por um estagiário. Cada equipe ficou com uma tarefa: 1. dar a largada; 2. correr; 3. anotar a ordem de chegada. Vale lembrar que todos os grupos passaram pelas três posições. O objetivo da turma era organizar uma corrida no espaço da quadra, sendo que cada equipe se responsabilizaria por uma tarefa (largada, corrida ou chegada). Aos poucos, o professor responsável contava um pouco da história dessa prova, solicitando aos alunos que resolvessem um determinado problema, visando, cada vez mais, a organização da corrida. Depois de um tempo para a organização das equipes, estas deveriam realizar a prova de acordo com o combinado, sendo que cada equipe era responsável por uma tarefa. O grupo da chegada deveria anotar os resultados (ordem de chegada); o grupo da largada deveria dar a largada; e o grupo da corrida deveria, simplesmente, correr. Vale lembrar que os alunos possuiam uma caixa com alguns materias para ajudar na solução dos problemas como: papel, caneta, cordas e cones.

Por meio dessa atividade, os alunos puderam conhecer e vivenciar, pouco a pouco, a evolução histórica dessa prova. Na primeira corrida organizada pelos alunos, houve muita confusão em relação ao momento certo da largada; à direção da corrida, já que não existiam raias e, com isso, cada aluno corria para um lado; à definição da ordem de chegada, já que não existia uma linha demarcando a chegada, além de ter ficado difícil de marcar a ordem correta dos 10 alunos que chegavam ao mesmo tempo. Com as orientações do professor que, pouco a pouco, contava partes da história dos 100 metros rasos, os alunos foram criando soluções para os problemas que apareciam, como por exemplo: organizaram as raias; dividiram os 10 alunos em 3 grupos para que ficasse mais fácil classificar a ordem de chegada; começaram a largar com a saída baixa; a largada passou a acontecer após o terceiro comando do juíz; a chegada passou a ter uma corda, sendo que o primeiro que encostasse nela com o peito era o vencedor.

Aos poucos, seguindo as orientações acerca da evolução da prova, os alunos organizaram a corrida de tal forma que ao final da aula, a prova ficou bastante parecida com a corrida dos 100 metros que ocorre na atualidade.

Figura 1. Primeira saída organizada pelos alunos.



Figura 2. Organização da largada.



Figura 3. Largada utilizando raias e saída baixa.



Figura 4. Primeira solução para a chegada.



Figura 5. Segunda solução para a chegada, similar a utilizada antes do uso do *photo-finish.*



Muitas das mudanças realizadas pelos alunos aconteceram durante a história dos 100 metros, como: a definição das raias; a obrigatoriedade da saída baixa; a utilização temporária, devido aos riscos, do fio na linha de chegada para determinar o vencedor; e os comandos de largada.

Durante a aula, alguns dados históricos importantes foram apresentados aos alunos para que eles pudessem solucionar os problemas da atividade e, principalmente, para que pudessem relacionar o que estavam fazendo com a própria evolução histórica dessa prova.

Uma mudança importante que foi mencionada na aula foi em relação à forma da largada. Depois que alguns alunos começarem a usar a saída baixa na largada, diferente de outros que largavam em pé, o professor chamou a atenção para essa mudança, relacionando-a com a história da prova.

Lembrou, por exemplo, que nos Jogos Olímpicos de 1896, o norte-americano Thomas Burke ganhou a final dos 100 metros rasos utilizando uma saída diferente dos demais competidores, sendo o único a largar abaixado, similar ao ocorrido durante a aula de Educação Física. Porém, segundo Kring (1968), a saída baixa apareceu pela primeira vez em 1888:

> A partida americana apareceu pela primeira vez em público nos jogos do Rockaway Hunt Club, de Cedarhurst, em Long Island, no dia 12 de maio de 1888. Charles H. Sherrill, da Universidade de Yale, foi o primeiro atleta a usá-la. Os circunstantes nunca tinham visto nada parecido, e o juiz de partida, imaginando que Sherrill não soubesse largar, suspendeu a corrida para dar-lhe instruções. Segundo uma descrição jornalística da corrida, "Embora Sherrill parecesse tropeçar no início da prova, conseguiu recuperar-se e venceu". Nesse dia, uma nova e promissora técnica surgia no mundo do atletismo. A superioridade da partida americana foi imediatamente compreendida e o mundo inteiro a adotou como a melhor para todas as corridas de velocidade (KRING, 1968, p.50).

Depois disso, perguntamos aos alunos sobre o que poderia ser feito para deixar a saída ainda mais rápida. Alguns alunos, que já conheciam o atletismo, responderam que o uso de um bloco de partida poderia melhorar a largada. Explicamos, então, que os atletas, inicialmente, largavam apoiando os pés em pequenos buracos feitos na pista. Entretanto, como foi o caso de Jesse Owens nos Jogos

Olímpicos de Berlim em 1936, esse sistema danificava a pista e nem sempre os buracos eram os mesmos utilizados entre os corredores. O bloco de partida solucionou esses problemas, já que podia ser ajustado de corredor para corredor. Atualmente, esses blocos são fixados no solo podendo ser retirados sem danificações maiores da pista. Inicialmente, eram feitos de madeira, sendo que hoje em dia são produzidos com outros materiais, como o metal.

Ainda que não tenhamos localizado registros que demonstrem o exato momento da invenção do bloco de partida e de sua normatização em competições de corridas de velocidade, por meio de alguns poucos registros e algumas fotos é possível estimarmos quando isso ocorreu.

Pallicca (1960) descreve que em 1929, em Chicago, no Campeonato Universitário da NCAA (National Collegiate Athletic Association) um americano chamado George Simpson venceu a prova de 100 jardas (91,44 metros) usando um bloco de partida.

Nos Jogos Olímpicos da Era Moderna, o bloco de partida apareceu somente em 1948, durante os Jogos Olímpicos de Londres. Porém, essa invenção não fez com que todos os atletas utilizassem a saída baixa com quatro apoios desde o início. Segundo Pallicca (1960), Antonella Battagli usou o bloco com a saída em pé. Nesse mesmo livro, também é possível observar o corredor Valery Borzov partindo com três apoios (dois pés e a mão direita) em uma prova de 60 metros rasos em Gotenburgo.

Atualmente, segundo a Confederação Brasileira de Atletismo (2004 – 2005), o atleta, após o comando de “Às suas marcas”, deve estar com as duas mãos e o joelho em contato com o solo e os dois pés em contato com o bloco.

Com esse tipo de exercício os alunos puderem não só conhecer a história, mas também vivenciar algumas das mudanças que ocorreram ao longo do tempo, como foi o caso da utilização da saída baixa e do bloco de partida.

Ao final da aula, os alunos, como forma de avaliação, escreveram uma redação sobre o que aprenderam na aula, demonstrando, com isso, os resultados positivos da implementação dessa proposta de ensino da corrida dos 100 metros rasos.

CONCLUSÃO

Durante o desenvolvimento da pesquisa pudemos observar a grande dificuldade de se encontrar dados históricos relacionados ao atletismo, em especial sobre os 100 metros rasos. Com essa pesquisa conseguimos reunir o maior número de informações históricas em um único material, a partir do qual criamos atividades que foram aplicadas em uma aula de Educação Física, tal qual mencionamos nesse texto.

Os resultados demonstraram a grande motivação dos alunos durante a aula, além da aprendizagem do conteúdo proposto. Tratando-se de uma atividade diferente, que não excluía àqueles com menor experiência motora ou que nunca haviam vivenciado o atletismo, a implementação dessa proposta foi bem aceita pelos alunos. Além disso, os mesmos puderam aprender algo a mais sobre o esporte, não ficando limitados a simples execução e repetição de alguns movimentos técnicos, como ocorre comumente.

A aula também foi avaliada pelos estagiários participantes dessa aula que concluíram o seguinte:

> Foi mais uma aula que superou as expectativas de todos, principalmente do estagiário responsável pela aula, pois a resposta dos alunos em relação a aula foi surpreendente e foram muito participativos também (Estagiário 1).

> A aplicação da aula pautada na historicidade das corridas de velocidade dentro do Atletismo, superaram todas as expectativas, inclusive as do próprio estagiário responsável: “Me surpreendi com o desenvolvimento da aula. Achava que teria que auxiliar os alunos o tempo todo durante as tarefas”. A aula foi baseada na resolução de problemas, onde os alunos teriam que, após ouvir pequenos relatos históricos sobre a evolução da corrida de 100m rasos, escolher algum objeto, como por exemplo, cordas, folhas de papel, caneta, a fim de criarem situações que minimizassem as dificuldades encontradas na viabilização da prova, que na Grécia Antiga, era primeiramente disputada por um grande número de competidores, sem raias especificas para cada um. Os alunos mostraram-se bastante entusiasmados com a proposta do estagiário, e a cada relato histórico se mobilizavam em grupos na tentativa, de com algum objeto

> "conquistado" (os alunos somente poderiam escolher um objeto para utilização, a cada relato contado), criar uma evolução tática para viabilizar a disputa. Ao final, todos (alunos, estagiários e professor) se entusiasmaram pelo resultado obtido (Estagiário 2).
>
> No primeiro exercício de aquecimento achei que a aula seria um pouco confusa para os alunos e não daria muito certo a forma com seria dada a aula. Esse medo de não conseguir dar a aula já vinha desde sua preparação. Porém o exercício principal da aula superou minhas expectativas. Superou pois o exercício funcionou e os alunos pensaram em formas corretas para facilitar a organização da corrida **(**Estagiário 3).

Ao final dessa pesquisa, esperamos que seus resultados motivem os profissionais de Educação Física a ensinar a história do atletismo em suas aulas, fazendo com que os alunos aprendam algo a mais, para além dos procedimentos, acerca dessa modalidade esportiva. Com base nos dados históricos coletados e na experiência de aplicação dessa pesquisa, o professor poderá criar suas próprias atividades, garantindo, com isso, a difusão desse conhecimento no campo escolar.

REFERÊNCIAS

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATELTISMO, **atletas***,* disponível em: http://www.cbat.org.br/atletas/robsoncaetano.asp, acesso em: 11/03/2008

KRING, R. F. **Atletismo nas Escolas:** guia prático de treinamento. São Paulo: Editora Cultura, 1968.

MATTHIESEN, S. Q. **Atletismo:** teoria e prática. Rio de Janeiro*:* Guanabara Koogan, 2007.

PALLICCA, G. **Ai vostri posti, pronti, via.** Atleticastudi, Centro Studi & Ricorche, no 34, dyetro, 1960.

PRADO, V. M.; MATTHIESEN, S. Q. Para além dos procedimentos técnicos: o atletismo em aulas de Educação Física Escolar. **Motriz***,* v. 13, n. 2, p. 129-136, abr./jun. 2007.

SILVA, M. F. G. da. **Evolução da prova do lançamento do disco ao longo dos tempos: contribuições para a Educação Física escolar.** Trabalho de Conclusão de Curso. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2006.

[1] UNESP – Universidade Estadual Paulista, Departamento de Educação Física – IB - Rio Claro

Apoio: PIBIC/CNPq